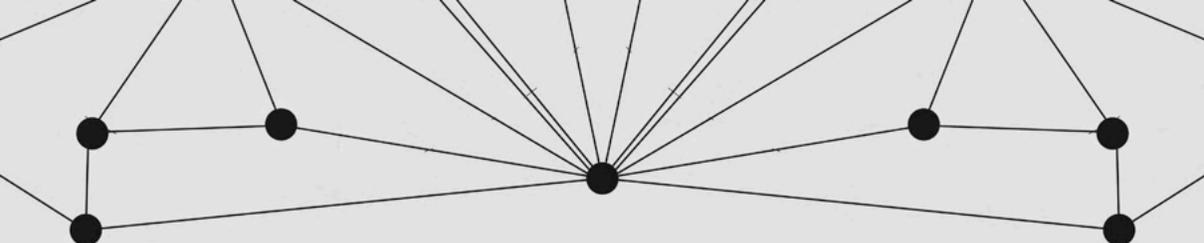


Maria Izabel Machado  
(Organizadora)

# SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade

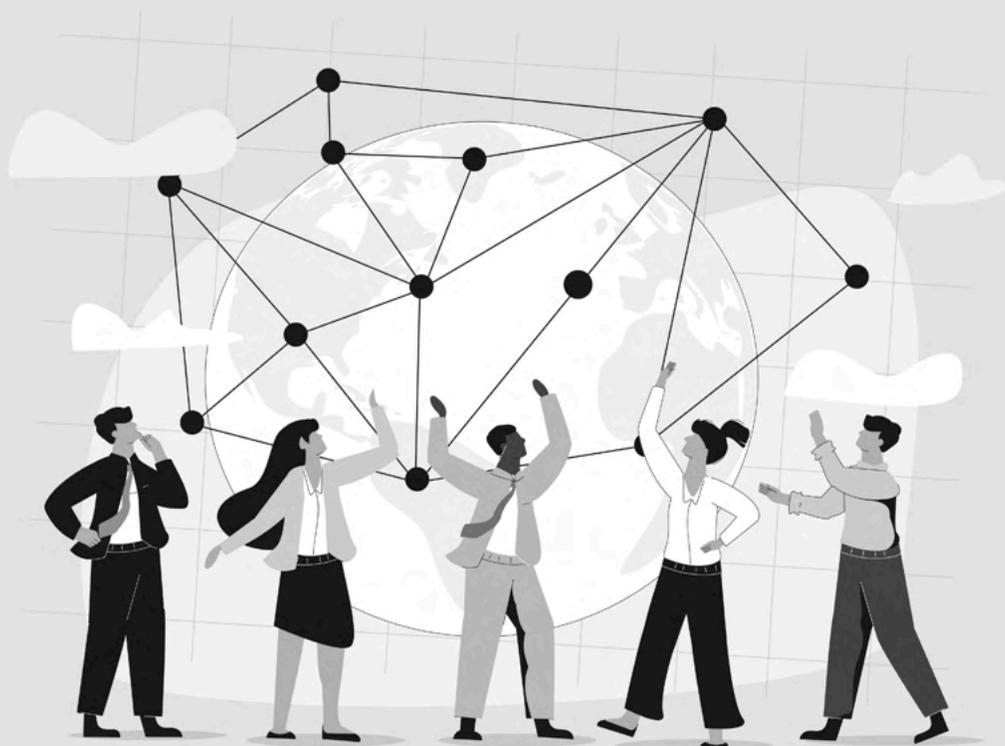




Maria Izabel Machado  
(Organizadora)

# SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora



Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Sociologia: tempo, indivíduo e sociedade

**Diagramação:** Bruno Oliveira  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Maria Izabel Machado

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 Sociologia: tempo, indivíduo e sociedade / Organizadora  
Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa - PR: Atena,  
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0025-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.257220104>

1. Sociologia. I. Machado, Maria Izabel (Organizadora).

II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra *Sociologia: Tempo, Indivíduo e Sociedade* nos convida a refletir sobre um conjunto de fenômenos contemporâneos em diálogo com múltiplos saberes e perspectivas, desde o olhar sociológico. Figurando como jovem ciência em comparação com outros campos do saber, a sociologia nos permite lançar o olhar sobre temas ausentes e emergentes em diversos contextos.

Os capítulos que seguem estão organizados por de maneira a nos conduzir por essas que são ao mesmo tempo grandes questões sociológicas e a vida cotidiana como experimentada por múltiplos sujeitos. O binômio indivíduo/sociedade, que tem polarizado leituras clássicas e contemporâneas, é colocado aqui em outra perspectiva: o tempo.

Não apenas como evidência cronológica, mas como a matéria das recorrências e rupturas, o passar do tempo “embrulha tudo”, como bem definiu Guimarães Rosa. No nosso caso ele é fio condutor nas reflexões que se seguem sobre direitos, partidas, chegadas, acessos e interditos.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

CONTRIBUTOS SPINOZANOS À CRÍTICA AO CONCEITO DE IDENTIDADE SOCIAL

Rogério Pacheco Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2572201041>

### **CAPÍTULO 2..... 16**

PERIFERIA URBANA Y DESIGUALDADES TERRITORIALES: CAPITAL SOCIAL, COMUNIDAD CÍVICA EN COMUNIDADES RURALES CONURBADAS (LEÓN, GUANAJUATO, MÉXICO)

María del Carmen Cebada Contreras

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2572201042>

### **CAPÍTULO 3..... 30**

MENINOS EM RISCO NA AMAZÔNIA: MODELOS DE CONDUTA DESVIANTE DE JOVENS NA GESTÃO SOCIAL

Jadson Fernandes Chaves

Elizabeth Reis

Josimar Souza Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2572201043>

### **CAPÍTULO 4..... 47**

DA MISSÃO DE PAZ À EXCLUSÃO NO “PAÍS EM PAZ”: A NEGAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE “RESISTÊNCIA” POR MIGRANTES HAITIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO (2016-2017)

José Vitor Barros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2572201044>

### **CAPÍTULO 5..... 66**

ANTECIPAÇÃO DE COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS E MERCADO DE TRABALHO: (IR)RELEVÂNCIA DOS STAKEHOLDERS ACADÊMICOS

Ana Paula Marques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2572201045>

### **CAPÍTULO 6..... 78**

ECONOMIA CIRCULAR À MODA BRASILEIRA”; UM ESTUDO EXPLORATÓRIO A PARTIR DA INTERFACE ENTRE ECONOMIA CIRCULAR E BEM VIVER

Marcos Paulo Marques Araujo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2572201046>

### **CAPÍTULO 7..... 100**

MECANISMOS DE EXCLUSÃO DIGITAL E DESAFIOS PARA A EFETIVAÇÃO DO DIREITO À COMUNICAÇÃO

Maria Lúcia de Paula Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2572201047>

<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>114</b>
FLUXOS MIGRATÓRIOS NO SUL GLOBAL: ESTUDO DE CASO NO RIO DE JANEIRO Beatriz Castelo Branco Maciel  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.2572201048">https://doi.org/10.22533/at.ed.2572201048</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>123</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>124</b>

## FLUXOS MIGRATÓRIOS NO SUL GLOBAL: ESTUDO DE CASO NO RIO DE JANEIRO

*Data de aceite: 01/03/2022*

### **Beatriz Castelo Branco Maciel**

Mestra em Sociologia no Programa de Pós Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal Fluminense (UFF).  
Doutoranda no Programa de Doutorado em Antropologia da Universidade de Lisboa (DANT. ULISBOA). E-mail: beatrizmaciel@zoho.com

XI Seminário Nacional Sociologia & Política Intermittências da Democracia e Desigualdades Sociais GT 09 - Migrações internacionais, fronteiras e novas diásporas

**RESUMO:** Tradicionalmente os estudos migratórios tratam dos processos móveis de países do norte para o sul global e vice versa. Entretanto, é preciso se atentar que a mobilidade Sul a Sul é a que mais acontece na modernidade, especialmente quando falamos sobre mobilidade forçada, como é o caso de solicitantes de refúgio e refugiados. Neste trabalho procuro elencar histórias que vivenciei em minha pesquisa de campo que conversam com as formas de mobilidade Sul a Sul, especialmente entre a República Democrática do Congo, o Haiti e o Brasil, especificamente Rio de Janeiro.

### **INTRODUÇÃO**

Os estudos sobre migrações não tinham significativa relevância na virada do século XIX para o século XX. Autores clássicos como

Marx, Malthus, Weber e Durkheim analisavam o processo migratório enquanto consequência do desenvolvimento capitalista, junto ao processo de urbanização e industrialização. Malthus explicava o fenômeno migratório enquanto decorrência da superpopulação e da fuga da miséria; já Marx se atentava às mudanças econômicas e políticas em países do Reino Unido e na França, enquanto exerciam coerção militar em camponeses e pequenos proprietários; Durkheim percebia os fluxos de pessoas enquanto um processo retilíneo de quebra com as solidariedades mecânicas; e Weber se concentrava no resultado da industrialização e do crescimento capitalista, aliado à importância da religião.

A partir do século XX começam os estudos sobre migração nas ciências sociais, principalmente porque cidadãos europeus estavam indo para países do “novo mundo”, como os Estados Unidos. Nesse momento o fenômeno migratório assume importância acadêmica materializada num “problema” de cunho social. Para Denise F. Jardim, a popularização do estudo da migração relacionado a um “problema imigratório” dá margem para que as ferramentas de governamentalidade regulem os corpos dessas pessoas em trânsito, na busca de uma singularização do sujeito, visando o controle em um território.

A Escola de Chicago passa a estudar esses novos fluxos migratórios, desenvolvendo

diversas análises sobre o estudo pioneiro de Thomas e Znaniecki (1918) sobre a onda de imigração polonesa para o continente americano no final do século XIX. Surge o termo *melting pot*: uma designação ao processo de assimilação de imigrantes em terras norte americanas, não implicando num total abandono de seus valores e modos de vida originais. O *melting pot* se cristalizaria na criação de grupos cada vez mais amplos e inclusivos, mas a Escola de Chicago sofreu críticas relativas ao termo, uma vez que não abarcava a complexidade dos processos de colonialismo e imperialismo; o que se deu foi a transformação dessas comunidades enquanto grupos étnicos. Os pressupostos assimilacionistas, portanto, não se concretizaram (SASAKI; ASSIS, 2000).

Os estudos recentes sobre imigração tem relação direta ao impacto econômico dos fluxos de pessoas em escala mundial. O “problema imigratório” enquanto objeto sociológico perpassa muitos destes aspectos econômicos: uma abordagem econômica simplista sobre o fenômeno imigratório enquanto “problema” se pautaria a partir dos fluxos de pessoas advindas de locais pobres (ou em desenvolvimento) para locais ricos, visando melhorar suas condições de vida. Mas o maior número de deslocamentos mundiais se dá internamente, e mais, as migrações do sul para o norte global são pequenas comparadas às migrações sul a sul (SHUERKENS, 2016).

Novas perspectivas econômicas pensam que as decisões migratórias são tomadas por grupos relacionados, como famílias, no intuito de maximizar a renda compartilhada (STARK & BLOOM, 1985). Estas novas contribuições trazem um elemento essencial para a análise do processo migratório enquanto um movimento coletivo, ao invés de individual, como pensavam estudos anteriores.

Análises das décadas de 1960 e 1970 já demonstravam a importância das redes sociais no cenário das migrações globais, como sugeriram G. Anderson (1974), J.S. e L.D. MacDonald (1964) e P.N. Ritchie (1976)<sup>1</sup>, ressaltados por Monica Boyd (1989). Mesmo assim, a atenção para as redes de amigos e familiares no impacto da vida desses imigrantes se deu, consistentemente, a partir da década de 1980. Desde antes da década de 1980 os estudos se concentravam, essencialmente, no Norte global, em países como o Reino Unido, os Estados Unidos e o Canadá. A produção de conhecimento advinha de áreas como Direito, Antropologia, Ciência Política, Sociologia, Relações Internacionais e Geografia e buscava atender os interesses dos países hegemônicos, legitimando práticas estatais relativas ao controle de imigrantes (MOREIRA, 2017). É nesse momento que os fluxos imigratórios tornam-se um “problema imigratório” a ser solucionado a partir de práticas já pré- estabelecidas nestes países.

Para muitos autores, se houvesse um marco do estudo das migrações como

1 ANDERSON, G. "Networks of Contacts: The Portuguese in Toronto". Waterloo, Ontario: University of Waterloo Press, 1974.

MACDONALD, J.S. e MACDONALD, L.D. "Chain Migration, Ethnic Neighbourhood Formation and Social Networks", *Milbank Memorial Fund Quarterly*, 42:82-97, 1964.

RITCHIE, P.N. "Explanations of Migration". In *Annual Review of Sociology*, Volume 2. Edited by A. Inkeles. Palo Alto, CA: Annual Reviews Inc. Pp. 363-404, 1976.

conhecemos atualmente, seria a publicação da revista acadêmica nova iorquina *International Migration Review*, de 1981 (BLACK, 2001). Stein e Tomazi (1981) prezaram, nesta edição da revista, por um olhar compreensivo, histórico, interdisciplinar e comparativo nos padrões migratórios. Em 1982, Barbara Harrell-Bond fundou o mais importante centro de estudos sobre o tema: o *Refugee Studies Center*, na Universidade de Oxford. O papel da instituição foi fundamental no aprofundamento dos estudos sobre fluxos migratórios, tendo influência direta em órgãos como o UNHCR (United Nation High Commissioner for Refugee).

Neste ponto (a partir da década de 1980) separam-se os estudos migratórios dos estudos relativos a refúgio. O termo refúgio torna-se mais popular e é distinguido da imigração econômica, sendo o refugiado aquele que é “forçado a migrar”, diferentemente de alguém que migra voluntariamente. Essa é a pauta da discussão entre refúgio e imigração e, através da minha experiência em campo, percebo que cada vez mais os indivíduos que atuam na rede de apoio e integração de imigrantes no Rio de Janeiro questionam a diferenciação. A ideia de “ser forçado a migrar” também inclui uma escolha: para onde migrar? Porque há muitas possibilidades e sempre há uma atitude ativa do indivíduo que migra.

Black define os refugiados como pessoas que têm necessidades e experiências particulares e que justificam ações de políticas públicas (2001). Para Black faltam mais estudos que aprofundem a compreensão e distinção de refugiados em oposição a imigrantes, o que agrega novos rótulos ao termo “guarda-chuva” de imigrantes forçados; dentro deste termo encontram-se buscadores de asilo (*asylum-seekers*<sup>2</sup>), refúgio humanitário (em determinados países), apátridas, exilados, “transferidos” e até refugiados econômicos, que incluiria pessoas que são forçadas a migrar em decorrência de uma situação de extrema pobreza (RICHMOND, 1993). Estes termos, entretanto, ainda não eram amplamente utilizados na produção acadêmica global até o início dos anos 2000.

A partir do século XXI os estudos migratórios passaram a atuar de forma mais diversificada, com olhares debruçados para questões que entrecruzavam a imigração com estudos de gênero, comunidades transnacionais, a “segunda geração” de imigrantes (ou seja, filhos das pessoas que se deslocaram) e comparações internacionais (PORTES, 1997). Entre 1998 e 2008, análises de periódicos norte americanos e europeus mostram o crescimento de temas como negritude, migração asiática, diversidade religiosa e saúde e sexualidade dentro do campo de análises migratórias. A partir da década de 2010 esses tópicos permanecem em alta, enquanto que a temática de conflitos, violência e migração, diáspora, transnacionalismo e narrativas de identidade ascendem dentro do campo de estudos (PISAREVSKAYA; LEVY; SCHOLTEN; JANSEN, 2019). Aos poucos os estudos migratórios internacionais deixaram de ter um caráter tão estatístico e demográfico para utilizar perspectivas mais sociológicas e antropológicas, procurando temas que falem sobre a diversidade, gênero, cultura, mobilidade e saúde no campo das migrações internacionais.

<sup>2</sup> Em tradução literal.

Para os autores Pisarevskaya, Levy, Scholten e Jansen os próximos passos dos estudos migratórios internacionais provavelmente se pautarão em comunidades transnacionais, sistemas de Estado e uma nova “segunda geração” (que na verdade pode ser entendida como terceira, quarta, quinta geração descendente dos primeiros indivíduos que migraram). As perguntas feitas pelos pesquisadores deixaram de ser “quem” e “o que” para se tornarem “como” e “por que?”, capilarizando novos temas relativos à imigração (PISAREVSKAYA; LEVY; SCHOLTEN; JANSEN, 2019).

## **MIGRAÇÃO SUL A SUL**

A migração Sul a Sul global tem grande importância nos fluxos migratórios modernos. De acordo com novos números divulgados pela Organização Internacional das Migrações (OIM), 1 em cada 30 pessoas migrou internacionalmente em 2019<sup>3</sup>. Já quando falamos em deslocamento “forçado”, os números são disponibilizados anualmente pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), no formato de dossiê. Em 2019, quase 80 milhões de pessoas tiveram que se deslocar. Destas, 85% foram recebidas por países “em desenvolvimento”, tais como Turquia, Colômbia, Paquistão e Uganda, respectivamente<sup>4</sup>.

A quantidade de pessoas em mobilidade forçada só aumentou nos últimos anos. Entretanto, é preciso trazer a atenção aos países do sul global, que estão recebendo a maior parte destes imigrantes. Isso se dá pela proximidade linguística, cultural e pela facilidade imediata de mobilidade. No ano de 2019, sírios e venezuelanos lideraram os números de deslocamento forçado e a maioria destes imigrantes residem hoje na Turquia e na Colômbia, respectivamente.

No Brasil, em 2018, existiam 11.231 refugiados reconhecidos e 161.057 solicitações de reconhecimento em trâmite. 51% desses 11.231 são sírios. As solicitações de refúgio, entretanto, mostram números um pouco diferentes: em 2018 foram 61.681 solicitações advindas de venezuelanos, seguido de 7.030 de haitianos, 2.749 de cubanos, 1.450 de chineses e 947 de bangladeshenses. Na lista ainda podemos encontrar solicitações de pessoas advindas de Angola, Senegal, Síria e Índia, respectivamente<sup>5</sup>.

Durante o trabalho de campo que desenvolvi nos últimos três anos, acompanhei fluxos de dois diferentes lugares: da República Democrática do Congo (RDC) e do Haiti para o Rio de Janeiro. Os dois países contam com cenários conturbados: a RDC devido a uma guerra civil que dura mais de 15 anos e o Haiti que sofreu impactos sociais significativos a partir do terremoto de 2010. A rede à qual me inseri durante esses anos de pesquisa incluía fortemente estas duas nacionalidades: a de haitianos, pela proximidade com o país

3 OIM, “World Migration Report 2020”. Disponível em: [https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr\\_2020\\_en\\_ch\\_2.pdf](https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020_en_ch_2.pdf), acesso em 02/09/2020.

4 OIM, “World Migration Report 2020”. Disponível em: [https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr\\_2020\\_en\\_ch\\_2.pdf](https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020_en_ch_2.pdf), acesso em 02/09/2020.

5 CONARE. “Refúgio em números – 4a edição”. <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>>. Acesso em 02/02/2020

e pelas trocas históricas entre Brasil e Haiti; e a de congoleses, que contam com uma larga comunidade no Brasil, especialmente em São Paulo.

Durante minha pesquisa, ficou claro que havia um interesse nítido de que o Brasil pudesse alavancar a saída destes imigrantes rumo aos Estados Unidos. Dentre todas as nacionalidades que pude pesquisar (nigerianos, serra leonenses, senegaleses, guineenses, ugandenses, etc.), o desejo de habitar os Estados Unidos sempre esteve presente e, em muitos casos, foi o que trouxe esse imigrantes para o Brasil. Entretanto, muitos destes imigrantes sabiam que para chegar até o país norte americano, deveriam ter paciência e se estabilizarem de alguma forma na América Latina.

O caso de Fatou<sup>6</sup> foi desse jeito: depois de sair de Kinshasa (capital da RDC), passou uma temporada em Angola, país vizinho, onde trabalhou como dançarino e artista em diferentes companhias de dança. O fluxo de Angolanos para o Brasil tornou-se constante a partir do final dos anos 1990 e segue até os dias atuais. Ao entrar em uma companhia angolana, viajou para a Europa e, posteriormente, para o Brasil. Me relatou que sentiu vontade de ficar e, quando houve uma segunda oportunidade de vir para cá trabalhar, decidiu ficar. “Não avisei ninguém”, me disse. “Fiz todas as apresentações com o grupo e, na hora de pegarmos o avião, disse que iria ficar”. Quando questionei se sua família sabia da decisão, Fatou me disse que não: “Melhor não falar essas coisas antes de acontecerem”.

Falar de seu país de origem é difícil para os congoleses. “Eu fui criança soldado”, me contou Aboubacar<sup>7</sup>. É normal que, em certas regiões, crianças se juntem aos conflitos armados da RDC. A imigração, entretanto, se dá através de redes que podem apoiar ou possibilitar o deslocamento deste imigrante. No caso de Fatou, a turnê com o grupo de dança possibilitaria se aproximar dos Estados Unidos, ele me admitiu. Mas para chegar lá é preciso ter planejamento. Parte deste planejamento é obter a cidadania brasileira para que, desta forma, consiga o passaporte. Dificilmente um congolês ou haitiano consegue entrar em algum país europeu sem comprovar renda e meios de subsistência – mas com o passaporte brasileiro esse cenário pode mudar.

Quando conversei com Sebastian<sup>8</sup>, congolês, no final do ano de 2019, ele também me disse que tinha vontade de ir para a Europa: “Eu pensei em ir para a Alemanha, tenho família lá, muitos primos”. Quando perguntei se ele iria como turista ele respondeu que sim: “É assim que as coisas são, é assim que fazemos”, se referindo a ficar ilegal no país.

Quando pergunto diretamente sobre quais os planos que eles têm e como pretendem alcançar o sonho de morar em países de primeiro mundo, como os norte americanos e os europeus, meus interlocutores fogem um pouco do assunto ou se sentem envergonhados. Alguns já me disseram abertamente que querem ir para os Estados Unidos, já que é tão

---

6 Nome fictício

7 Nome fictício

8 Nome fictício

perto do Brasil. Botamba<sup>9</sup>, serra leonense, me disse certa vez que gostaria de ser ator e cantor e que os Estados Unidos era o melhor lugar para trabalhar com esse tipo de coisa.

Fatou tinha planos de, talvez, ir para São Paulo porque as comunidades internacionais são maiores por lá, mas como conseguiu um trabalho com carteira assinada no Rio, aqui ficou: “A oportunidade que Deus me deu estava aqui e nós precisamos pegar as oportunidades que aparecerem”, me disse.

Mesmo que os plano iniciais destes imigrantes sejam os de migrarem para países ao norte, isso não significa que a imigração e a permanência destas nacionalidades no Brasil não seja significativa. Em São Paulo, há uma grande comunidade de congoleses, em Santa Catarina, de senegaleses, além de políticas de reassentamento nos últimos dez anos para pessoas advindas da Palestina. No Rio de Janeiro também é possível encontrar comunidades de congoleses, senegaleses, muitos haitianos, venezuelanos e cubanos.

Com a maior fiscalização de fronteiras, especialmente na América do Norte e no continente Europeu, a possibilidade que resta para estes imigrantes é a de permanecer no país que residem no sul global. Ao me contar sobre uma tentativa de ir para a Europa, Ibrahim disse que tinha comprado passagens de ida e volta, havia reservado um hotel e tentou entrar na Europa a partir da Espanha. “Me barraram, mesmo eu estando com tudo certo. Me disseram que eu deveria ter uma quantidade de dinheiro que não tinha e me mandaram de volta para o Brasil”, explicou. Essas tentativas acontecem com alguma frequência e nem sempre são bem sucedidas.

O que pude perceber durante meu trabalho de campo é que as oportunidades estão de onde vierem primeiro. No Brasil, Ibrahim, mesmo tão mais próximo dos Estados Unidos, recebeu alguma proposta que poderia ajudá-lo na Europa e então a oportunidade que surgiu foi mais distante, mas talvez a mais palpável no momento que ele se encontrava.

A valorização do mundo e do saber ocidental é bastante nítida na trajetória de meus interlocutores. Muitos dos seus sonhos e desejos perpassam residir em países de primeiro mundo e viver uma vida condizente com os valores ocidentais. Boaventura de Souza Santos explica esta separação entre culturas de países em desenvolvimento para a cultura hegemônica ocidental através de um limiar bastante demarcado, que denomina pensamento abissal.

Abissal porque existe um “abismo” entre a articulação do conhecimento hegemônico e o conhecimento popular, leigo, indígena ou camponês – que é sempre desqualificado pela primeira forma de conhecimento. O monopólio do conhecimento se dá através de duas áreas: a ciência, de um lado, e a teologia e a filosofia, do outro. “[A visibilidade desses conhecimentos] assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não se encaixam em nenhuma dessas modalidades” (SANTOS, 2007). Esses lugares, portanto, não produzem conhecimento, e sim crenças, opiniões, magia – interessantes apenas como objetos de estudo da episteme hegemônica.

---

<sup>9</sup> Nome fictício

Para Ramon Grosfoguel é no pensando de René Descartes que se inaugura a ego- política do conhecimento, antropocentrista. O pensamento autocentrado de “penso, logo existo”, aos olhos de Enrique Dussel (1994), nasce na existência do colonizador, que se intitulava um ser superior. Essa semente deu lugar à modernidade eurocentrada e de sujeitos que acreditavam ter acesso a uma verdade universal (GROSFOGUEL, 2007).

A modernidade nos demonstrou, entretanto, que uma resistência vem sido feita pelos indivíduos dessas “periferias” através da migração. Para Santos (2017), o que se põe em prática nesse momento é o regresso do colonial, que pode se assumir de três formas: na do terrorista, do imigrante indocumentado e do refugiado. Cada uma dessas formas é contida de formas diferentes, mas basicamente se utilizando de burocracias e legislações próprias. O indivíduo colonial (advindo de ex-colônias) agora pode chegar às metrópoles, o que antes só poderia ser feito através do colonizador (como a entrada de escravos nos centros urbanos). A reação é a remarcação da linha abissal, na tentativa de reiterar o local de supremacia hegemônica e de subalternidade.

Este é exatamente o fluxo que observo entre meus interlocutores, buscando oportunidades nas colônias que foram soberanas em seus países de origem. O que Botamba, Sebastian, Ibrahim e Aboubacar têm em comum? A busca de oportunidades onde houver possibilidade de crescimento profissional e pessoal, especialmente debruçados nos grandes centros e nas metrópoles mundiais localizados no norte do continente Americano e na Europa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de mostrar os desdobramentos que uma vida imigrante carrega é de chamar atenção para sujeitos enquanto multiplicidades que se constroem durante os fluxos móveis. Desdobramentos esses que acontecem em esferas da vida profissional, pessoal, acadêmica e política, como na busca de um novo emprego; na procura de uma casa, as mudanças eventuais de um bairro para o outro por questões de conforto, segurança, espaço ou associação com uma comunidade nacional; o início de uma nova formação acadêmica, como cursos profissionalizantes rápidos e até mesmo uma nova faculdade; novas relações amorosas, com brasileiros, brasileiras ou conterrâneos, etc. O aspecto em comum para que esses desdobramentos aconteçam no processo de mobilidade é a necessidade de recorrer a redes de apoio, ou simplesmente a redes de referência, para que consigam encontrar emprego ou até mesmo desenvolver algum tipo de convivência amigável e cotidiana.

Pensar numa perspectiva de fluxos móveis modernos subtrai o reducionismo da percepção da imigração enquanto um sujeito que simplesmente deixa um local e adentra outro: o que pesquisadores têm demonstrado é que o novo tipo de população imigrante emergente está conectada a partir de redes, atividades e pessoas que os conectam ao local de origem, ao local de chegada e a outros possíveis locais. Segundo Glick-Schiller,

Basch e Blanc-Szanton (1992), os imigrantes mantêm relações econômicas, familiares, sociais, organizacionais, religiosas e políticas transpassando fronteiras (ESCUDERO, 2018). E mais: suas decisões também afetam seus laços e conexões em vários lugares ao mesmo tempo.

A migração Sul a Sul é uma realidade pulsante nos fluxos móveis modernos e leva em consideração a maior flexibilização de fronteiras, as proximidades culturais, linguísticas ou econômicas, além de reciprocidades políticas e burocráticas. Existem diversas formas pelas quais imigrantes chegam até o Brasil e, especificamente, ao Rio de Janeiro. Alguns deles já contam com a ajuda de redes desde o seu país de origem ou as adquirem em algum local de trânsito; outras pessoas, como Fatou e Sebastian, não conseguem construir essas redes até chegarem ao seu destino (no caso, o Rio de Janeiro). De qualquer forma, as migrações Sul a Sul contam com trajetórias que precisam se apoiar em redes que sustentem sua ambientação e recepção no país que adentram.

As vivências que experienciei me levaram a buscar compreender as ligações entre imigrantes e as organizações que os acolhem, além de pensar em conceitos fundamentais para a facilitação (ou empecilho) de estadia dessas pessoas no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, através da burocracia, da língua e das redes estabelecidas ou pré-estabelecidas no país. É certo que estes aspectos se diferenciam entre Norte e Sul globais, de forma que investigações acerca da governamentalidade (FOUCAULT, 1979) tornam-se importantes neste contexto. Para tal, proponho novas formas de perceber as migrações Sul a Sul a partir da perspectiva sociológica e antropológica – levando em consideração as percepções dos próprios migrantes que vivenciam este fluxo.

## REFERÊNCIAS

BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina; SCHILLER, Nina Glick. “Transnationalism – A new analytic framework for understanding migration”. *Annals New York Academy of Science*, Vol.645, pp.1-24, 1992. Disponível em: <[https://www.academia.edu/457018/Transnationalism\\_A\\_New\\_Analytic\\_Framework\\_for\\_Understanding\\_Migration\\_and\\_A\\_Global\\_Perspective\\_on\\_Transnational\\_Migration\\_Theorizing\\_Migration\\_Without\\_Methodological\\_Nationalism\\_](https://www.academia.edu/457018/Transnationalism_A_New_Analytic_Framework_for_Understanding_Migration_and_A_Global_Perspective_on_Transnational_Migration_Theorizing_Migration_Without_Methodological_Nationalism_)>. Acesso em 26/08/2020.

BLACK, Richard. “Fifty years of refugee studies: from theory to policy. *International Migration Review*”. New York: v. 35, n. 1, p. 57-78, 2001.

BOYD, Monica. “Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda, in *International Migration Review*”, 23(3):638- 670, fall, 1989.

FOUCAULT, Michel. “Microfísica do poder”. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GROSFUGUEL, Ramón. “Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas”. In: Castro- Gómez, Santiago & Grosfoguel, Ramon (coords.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensa, 2007.

HARREL-BOND, Barbara; VERDIRAME, Guglielmo. "Rights in Exile. Janus- Faced Humanitarianism". Nova Iorque: Forced Migrations, vol. 17. Berghahn Books, 2005.

JARDIM, Denise F. "Imigrantes ou refugiados? Tecnologias de controle as fronteiras". Jundiaí, Paco Editorial, 2017.

MOREIRA, Julia Bertino. "Pesquisando migrantes forçados e refugiados: reflexões sobre desafios metodológicos no campo de estudos", Soc. e Cult., Goiânia, v. 20, n. 2, jul/dez, 2017.

PISAREVSKAYA, A.; LEVY, N; SCHOLTEN, P.; JANSEN, J. "Mapping Migration

Studies. An empirical analysis of the coming of age of a research field". University of Rotterdam: Migration Studies, v. 0, n. 0, 2019

PORTES, A. (1997). "Immigration Theory for a New Century: Some Problems and Opportunities". International Migration Review, 31/4: 799-825.

RICHMOND, Anthony. "Global Apartheid". Oxford: Oxford University Press, 1994.

\_\_\_\_\_ "Reactive Migration: Sociological Perspectives on Refugee Movements", Journal of Refugee Studies, 6(1):7-24, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Por uma concepção multicultural dos direitos humanos". In. BALDI, César Augusto (org.). Direitos Humanos na sociedade cosmopolita. Rio de Janeiro: Renovar, 2004.

\_\_\_\_\_ "Para além do pensamento abissal". Revista Novos Estudos, CEBRAP, no 79, p. 71-94, 2007.

SASAKI, E.; ASSIS, G. Teorias das migrações internacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000. Anais... Caxambu, 2000.

SHUERKENS, Ulrike. "Transnational Migrations and Social Transformations: A Theoretical Perspective", Current Sociology, London, vol. 53, July 2005.

STARK, Oded & BLOOM, David E. "The new economics of labour migration, in American Economic Review", vol. 75, 1985.

THOMAS, William I.; ZNANIECKI, Florian. El Campesino Polaco en Europa y en América. Madri: Boletim Oficial del Estado/Centro de Investigaciones Sociológicas, 2004.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**MARIA IZABEL MACHADO** - Possui graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2009). Em 2012 defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFPR) na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” no eixo temático Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado (UFPR) também na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, desta vez no eixo temático Gênero e Trabalho. Como pesquisadora se dedicou durante sua formação acadêmica aos temas economia solidária, gênero, trabalho e cuidado. Atualmente as pesquisas em curso se inscrevem na perspectiva pós-estruturalista e de gênero acerca da cartografia dos sujeitos no ensino superior, especialmente na formação em pedagogia. Como educadora atuou na formação de lideranças populares por meio de ONGs e outras instituições, e com formação de professores em projetos de cultura de paz nas escolas. Atuando na docência nas redes públicas e privada desenvolveu trabalhos acerca da inclusão e segregação no ambiente escolar e com uso de literatura em sala de aula para ensino-aprendizagem de sociologia, na educação básica, especialmente no ensino médio. Atua como docente na Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Educação), participando como pesquisadora do grupo Mutamba (UFG) e do Núcleo de Estudos de Gênero (UFPR).

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 66, 67, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 123

Assentamentos humanos 32

### B

Bem viver 78, 79, 80, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98

### C

Capital social 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29

Comunicação 12, 34, 36, 66, 73, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Cooperação 12, 66, 68, 70, 71, 73, 74, 89, 92

### D

Democracia 1, 10, 18, 20, 22, 24, 29, 32, 53, 54, 60, 63, 93, 94, 100, 101, 104, 106, 107, 108, 110, 111, 113, 114

Desigualdades 3, 16, 32, 58, 64, 76, 98, 111, 112, 114

Direitos 1, 13, 72, 78, 80, 91, 94, 95, 96, 97, 101, 102, 103, 104, 105, 117, 122, 123

Direitos humanos 1, 13, 72, 78, 80, 91, 94, 95, 96, 97, 103, 104, 122, 123

Discriminação 47, 48, 49, 52, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

### E

Economia circular 78, 79, 80, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99

Economia linear 78, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 92, 93, 96, 97

Ensino superior 58, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 123

Equações estruturais 30, 37, 38, 45

Exclusão digital 100, 101, 110, 111, 112, 113

### G

Gestão social 30, 31, 42

Globalização 1, 3, 10, 69, 80, 81, 82, 98

### H

Haiti 47, 48, 52, 53, 54, 56, 60, 64, 114, 117, 118

### I

Identidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 47, 54, 56, 63, 98, 116

Identidade social 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 11, 13

Igualdade 7, 76, 100, 101, 102, 110, 112

Individualização 1, 2, 3, 7

## **J**

Jovens 30, 31, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 70, 77

## **M**

Migrações 30, 49, 63, 114, 115, 116, 117, 121, 122

MINUSTAH 47, 48, 52, 53

## **P**

Periferias 120

## **R**

Raça 3, 4, 11

Racismo 47, 58, 60

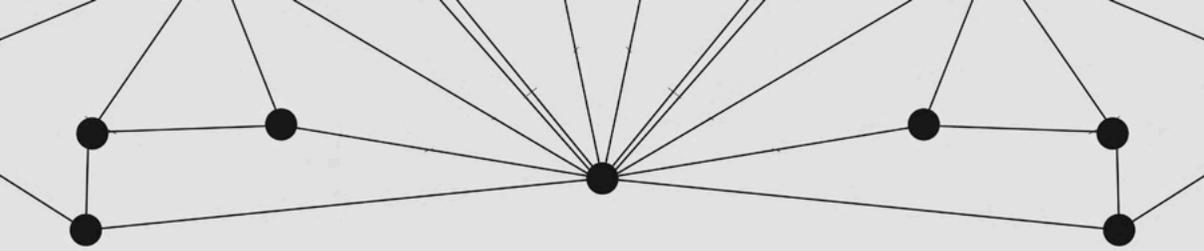
Redes 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 56, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 76, 77, 98, 100, 107, 108, 109, 111, 115, 118, 120, 121, 123

Resistência 3, 6, 8, 47, 49, 57, 59, 75, 120

## **S**

Spinoza 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

Stakeholders 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

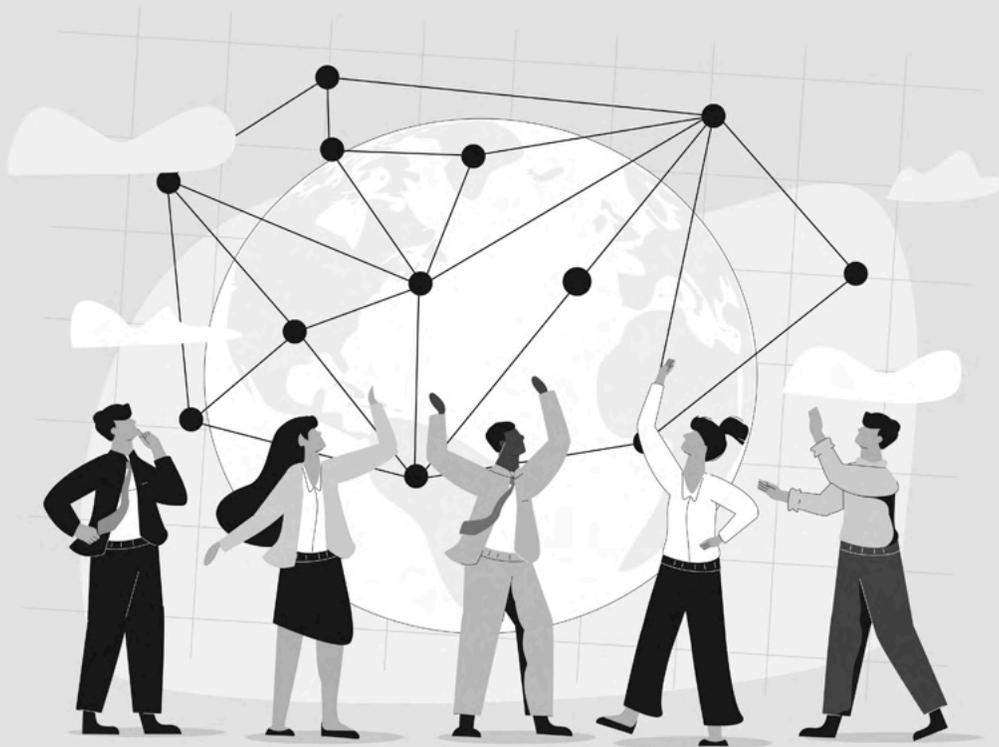
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

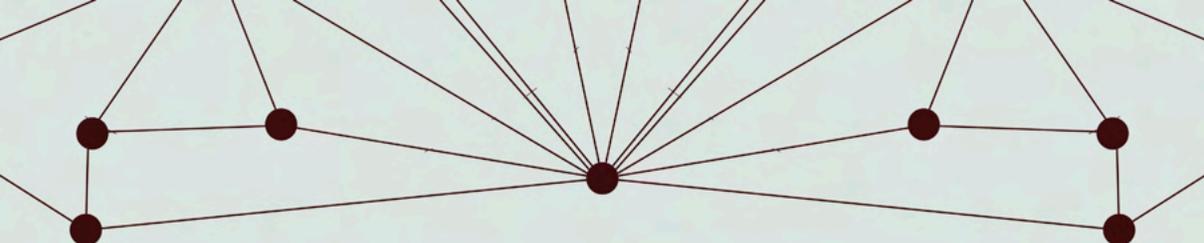
📷 @atenaeditora

📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade





🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade

